

TV, ESPECTADORES E TRANSMIDIAÇÃO REATIVA EM MARTÍN-BARBERO

Tv, viewers and reactive transmediation in martín-barbero

TV, los espectadores y la transmediatización reactiva en Martín-Barbero

Alexandre Honório da Silva¹

Resumo

O artigo propõe uma interpretação do receptor/espectador nos processos de comunicação tendo como norteadoras as teorias e as proposições do pesquisador espanhol Jesús Martín-Barbero. Procura ainda introduzir o conceito cartográfico proposto pelo pesquisador como um modelo de interpretação possível do lugar contemporâneo ocupado pelo receptor nas demandas comunicacionais e a mediação cultural.

Palavras-chave: Mídia, Receptor, Mediação, Estudos Culturais

Abstract

The article proposes an interpretation of the viewer/receiver in the communication processes guided by the theories and proposal of Spanish researcher Jesús Martín-Barbero. It also seeks to introduce the mapping concept proposed by the researcher as a model for possible interpretation of the place occupied by the contemporary demands on the receiver and communicational cultural mediation.

Key Words: Media, Viewer/Receiver, Mediation, Cultural Studies

Resumen

El artículo propone una interpretación del espectador / receptor en la comunicación de procesos guiados por las teorías y la propuesta del investigador español Jesús Martín-Barbero. Se pretende también a introducir el concepto de asignación propuesta por el investigador como un modelo para la posible

¹Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e mestre em Ciências Sociais pelo PGCS/UFRN. Telefone: (84) 8855-4745. E-mail: alexandre.honorio@dz3design.com

interpretación del lugar ocupado por las exigencias actuales en el receptor y la mediación cultural de comunicación.

Palabras-clave: Medios de comunicación, Visor/Receptor, La Mediación, Los Estudios Culturales

1. INTRODUÇÃO

Se persistem dúvida e imprecisão em relação ao espectador, ao lugar do receptor no comunicar e na cultura contemporânea, é porque este mesmo espectador se apossa do que tem ao alcance das mãos e mobiliza seus artifícios para interagir enquanto parte destes mesmos processos. Mas há algo que aparenta encobrir a percepção sobre os limites desta relação. Na perspectiva recente dos Estudos Culturais Latino-americanos, é como resultado da combinação das experiências cotidianamente compartilhadas entre sujeitos, meios de comunicação e a própria cultura que os receptores se equilibram.

Assim, uma revisão do estatuto dos usos inerentes ao espectador representaria a adoção de uma percepção deste sujeito como componente de uma equação recorrente, complexa e que por vezes não se elucida: os usos reptícios que este mesmo espectador faz dos restos do comunicar; os usos na sombra; os usos periféricos encobertos e que necessitariam de outro olhar. As pistas para este entreolhar, como proporá este artigo, nos interrogam na direção deste outro sujeito-espectador; o espectador como aqui pretende ser compreendido seria uma incógnita volátil, mas que deixa pistas, indicações precárias até, de sua manifestação e algumas destas pistas são perceptíveis no pensamento proposto por Jesús Martín-Barbero.

2. RESILIENTE E IMPERFEITO

Recorro à reflexão de Martín-Barbero à procura de elementos sobre os modos deste espectador em relação aos meios que o assediam e aos usos que este sujeito-espectador faz do pouco que deles lhe chega. O pesquisador espanhol parte de uma premissa significativa: considerar o espectador em suas improbabilidades e na subjetividade que o encerra; perceber que o que se desenvolve em torno deste espectador como resultado de um horizonte subjetivo e “enevado” que parece o

recobrir/envolver. Em Jesús Martín-Barbero para percebermos o que o espectador demanda é indispensável considerar as mutações, a resiliência², as imperfeições que o revestem, porque, se diante da TV este espectador se permite à impressão das marcas que o vinculam à concordância ou à aceitação do que vê ou consome, do que não visível, previsível ou evidenciado em seus usos mais superficiais, é porque ele se constitui em construto ao mesmo tempo múltiplo, complexo e volátil das demandas que dele se enredam.

A TV, senão as mídias de um modo mais amplo, é terreno de experiências difíceis de serem percebidas quando consideramos a participação do espectador. Ela é, também, o terreno vibrante quando percebemos os indivíduos como parte dos processos de comunicação e da relação deles com o comunicar televisionado, com as dinâmicas de mobilização e desmobilização que subjetivamente se desenvolvem nas arestas das socialidades desta relação. Devemos, assim, reconsiderar o espectador diante da TV como Martín-Barbero parece considerá-lo: como elemento de manifestação das arestas de um território fértil, em constante transformação, sendo constantemente influência e efeito de uma cultura mediada e revolvida. Ele, o espectador, como agente de múltiplos processos que enredam sujeitos da comunicação e que sublima o papel da TV e que o conduz por manifestações outras e complexas da cultura.

O principal em relação ao artigo que até aqui se apresenta diz respeito às interrogações do que parece expresso nas entrelinhas; diz respeito às subjetividades que implicam o sujeito mediado e determinam seu diálogo com as múltiplas manifestações da cultura que o impregna enquanto resultado de um tecido transmidiático investido por imperfeições. Mas diz respeito também sobre como contemporaneamente este espectador, o receptor na complexa relação entre meios e sujeitos da comunicação, tem sido percebido – como dito até aqui, notadamente na bibliografia de Jesús Martín-Barbero.

Desta forma, ao discutir as subjetividades que encerram o espectador e suas “plurivalências” complexas, este artigo procura igualmente provocar a percepção sobre o que se dá em torno dos implicados da comunicação e da cultura mediada que percebe

²Resiliência, segundo o Dicionário Aurélio, é a resistência elástica de um corpo. Quando um corpo é submetido a uma tensão/força este sofre deformação, mas, cessada a atuação de tal tensão, ele retoma as características originais. Esta mesma força também pode atuar sobre múltiplos corpos e estes poderão recuperar suas particularidades. Considero, portanto, uma metáfora relevante sobre o espectador que este trabalho pretende estudar.

tais enredados do comunicar. As reflexões de Martín-Barbero são mais que provocações, mas espécie de “bússola diversa para pensar o diverso”. Uma forma de pensar os processos que se desenrolam a partir do massivo que procura considerar o papel dos sujeitos, dos interlocutores imprecisos da comunicação enquanto agentes de uma articulação simbólica em constante ebulição.

Há [no massivo, nos processos da comunicação] recuperação e deformação, mas também há réplica; cumplicidade, mas também resistência; há dominação, embora esta não chegue a destruir a memória de uma identidade que brota precisamente do conflito que a própria dominação mobiliza. (MARTÍN-BARBERO, 2004b: 136)

Em sua percepção do sujeito diante do massivo, Martín-Barbero procura um entendimento sobre como os meios de comunicação e aqueles que os consomem, notadamente a televisão, se inter-relacionam produzindo sentido. Esta é a proposição nas entrelinhas do mundo do comunicar; é o que os sujeitos “fazem com aquilo que se faz delas”, como dirá o pesquisador. A imprevisibilidade do sujeito-receptor-espectador resulta, na visão proposta na reflexão do pesquisado, do lugar ocupado por este sujeito no cerne da cultura massiva e comunicativa que o encerra: ele, o receptor, “não ocupa apenas uma única e mesma posição no sistema que o envolve, pois nele, no sistema, subsistem e coexistem matrizes em conflito” (MARTÍN-BARBERO, 2004b: 174).

Assim, na visão de Martín-Barbero – e de outros pesquisadores igualmente ligados à pesquisa dos sujeitos da comunicação na América Latina –, o espectador reage à ambivalência simbólica dos usos e modos de apropriação inerentes à comunicação, à cultura e aos processos de mediação sócio-comunicacional contemporâneos. O espectador é o sujeito mediado, remediado e contrafeito das mídias. Ele é componente de um composto comunicacional/cultural que se propaga e se apresenta como ponto demarcador involuntário das trilhas ou itens de uma cartografia possível da experiência dos usos – empregando a metáfora³ por Martín-Barbero sugerida.

São estes itens “cartográficos” que proporcionam um entendimento de como manifestações reptícias do comunicar – como a “passividade” diante da TV – sensibilizam a dominação e a ludibriam como resultado dos exercícios de hegemonia e

³Jesús Martín-Barbero cogita que os mapas cognitivos, os saberes e experiências coletivas se constituem em arquipélagos, em algo desprovido de fronteiras e que se interconectam uns aos outros constituindo um complexo massivo – ou maciço, em traduções mais recentes. Para o pesquisador a construção de uma cartografia cognitiva tendo por norte as transformações promovidas em tais mapas pela mediação entre cultura, indivíduos e meios de comunicação significa igualmente a construção em torno de uma percepção sensível das subjetividades das maiorias.

contra-hegemonia que se constituem a partir das sombras da relação estabelecida entre sujeitos e consumo. A TV, objeto com relevante destaque na reflexão do pesquisador, mesmo diante do desenvolvimento das mídias eletrônicas contemporâneas – notadamente as mídias em rede –, continua a ocupar o lugar de espelho sedutor por definição. A TV se transformou em espécie de agente da contrafeição inerente aos movimentos deste sujeito-espectador e barômetro dos humores massivos.

3. SUJEITO, MÍDIAS E SOCIABILIDADE

Em Martín-Barbero, a TV é uma das principais instâncias das contradições dos usos e das subjetividades que recobrem as maiorias. Ela, a TV – bem como outros meios massivos –, se configura em instância de entrechoque dos humores coletivos, pois é o aparente objeto das ambivalências que impregnam e constituem um laço social aparente, compartilhado e reativo: o sujeito diante da TV é componente dos processos de mediação e transformação das sociabilidades. Se a TV pretende a atenção de sua audiência é porque, mesmo que a contragosto, reconhece que os sujeitos diante dela não são inertes. Assim, são os indivíduos que se posicionam diante da TV, diante do que ela tenta mobilizar das subjetividades que não compreende integralmente, os responsáveis por reativar a cultura que dela se enreda. Se a TV é um espelho e fala ao corpo coletivo, é na subjetividade com que este corpo reage aos discursos, produtos ou saberes televisivos, que reside a artimanha deste sujeito, fazendo na penumbra reverberar sua “agenda”. Este espectador não encerra sua interação apenas com um movimento do controle remoto, mas esse movimento é parte deste complexo processo de interação informacional que ultrapassa o ver tevê.

Assim, para Martín-Barbero, o olhar do sujeito em direção às mídias de massa é um duplo olhar. Ora voluntariamente considera o que elas têm a oferecer cotidiana e ininterruptamente; ora envereda nas subjetividades e reciprocidade dos usos que resultam das trocas entre os muitos sujeitos implicados pelo comunicar mediado. Este mesmo sujeito, mesmo que de modo involuntário, se faz perceptível nas entrelinhas, nas artimanhas que se constituem a partir da perspectiva daqueles aos quais ela, a TV, se dirige.

4. O RECEPTOR E OS DESLOCAMENTOS DOS USOS

Além de um estatuto do espectador, desta cartografia de sujeitos mediados, a reflexão em torno do receptor que tem sido proposta por Martín-Barbero procura perceber que o que indivíduos detêm de suas trocas mediadas dizem respeito a um deslocamento dos usos que resultariam das suas subjetividades mediadas que este outro espectador compartilha e enreda.

O convite de Martín-Barbero é para que percebamos o que, na condição de espectadores/receptores, se desenvolve repticiamente, às escondidas, quando do amoroso, mordaz e recorrente abraço eletrônico da TV, e porque tal percepção, mesmo complexa e por vezes subjetiva, deve ser considerada como componente para considerar sua mobilidade mediada – e ampliada como parte da “trama comunicativa que introduz em nossas sociedades a percepção de um novo modo de relação entre os processos simbólicos e as formas de produção e distribuição” (MARTÍN-BARBERO, 2004a: 36) inerentes ao comunicar.

Para Martín-Barbero, especialmente quando propõe seu mapa para “o reconhecimento desde as mediações aos sujeitos, propondo uma mudança no eixo das perguntas (...) assumindo as margens não como tema, mas como enzimas” (2004a: 18), são perceptíveis, apesar de inconstantes, as indicações de que o que tubo de raios catódicos emana cotidianamente se enraizou, desenvolvendo ligações em torno do corpo social e na cultura que dele resulta e dos seus estratos. Martín-Barbero enxerga nas mídias uma espécie de presente luminoso que se propagou por todos os recantos do planeta e se transformou, ao longo das décadas que se seguiram ao seu surgimento e popularização, protagonista/palco de alguns de acalorados debates acerca de seus efeitos, benefícios, malefícios ou mesmo incertezas em relação ao que paira por sobre e a partir de suas antenas. É por conta de tal enraizamento, desta ligação que medeia as relações através dos conteúdos simbólicos dos meios de comunicação, que falar sobre a televisão exige falar igual e invariavelmente daquele que se interpõe a sua presença: o espectador.

Ele, o espectador/receptor da comunicação, foi por vezes o apático retrato de uma dominação intrínseca, homogeneizante, imbecilizante e constante exercida pela influência de uma minoria que controlaria o que ele consumiria; o espectador, indivíduo reificado, alienado, alvo maior de interesses que pretenderiam sua

submissão e o controle de suas vontades; consumidor-receptor indefeso diante dos que, com as rédeas dos meios de comunicação massivos, determinariam seus interesses.

Nem tanto, nem tão pouco. Desponta um equívoco recorrente que concebe em torno do receptor e dos seus modos/usos somente fraqueza e concordância e não considerá-lo em seus modos de réplica, em torno dos propósitos e usos que faz subjetivamente dos meios de comunicação e cultura que o interpelam. Tê-lo somente sob tal perspectiva representaria desconsiderar uma complexa cadeia de sentidos e eventos que demarcam os espaços de sua a vivência contemporânea: e este seria, senão equívoco despropositado, algo indefensável.

Para Martín-Barbero, consumir e contemplar se apresentam como instâncias indissociáveis quando se pretende compreender como os meios de comunicações, como também ilustra Mauro Wolf (2005: IX) ao analisar seus movimentos (industrial, simbólico, tecnológico, sociológico, enfim, em sua pluralidade de investidas), posicionando seus argumentos em direção às majorias e aos muitos consumidores/espectadores que as constituem.

Assim, é diante das investidas aparentemente uniformizadas do centro à periferia da massa de anônimos que é o massivo que se descortinam os comportamentos improváveis – programas que não obtém os resultados esperados, espectadores que não são sensibilizados como as redes pretendiam, usos individuais com efeitos coletivos, usos coletivos com implicações igualmente coletivas – e que parecem demonstrar como estes consumidores/espectador se investem de artifícios diversos e configuram momentos de uma aparente reatividade, depondo contra a homogeneidade sombria das majorias e como estas interagem com o social compartilhado.

O massivo não se apresenta como monólito, mas como tecido interseccionado⁴, fissurado, irregular, em constante transformação e com ranhuras que, como propõe Jesús Martín-Barbero, descrevem uma cartografia aparente de sociabilidades mediadas, de trocas entre os sujeitos mediados e do que estes compartilham com o

⁴Néstor García Canclini, ao comentar o que considera a “absolutização de sujeitos privilegiados como fontes de conhecimento”, conclama o real como lugar de reconhecimento dos outros, do diverso. No capítulo “Quem fala e em Qual Lugar...” do livro *Diferentes, Desiguais e Desconectados*, o autor faz a defesa em prol de um deslocamento em direção ao ponto em que as narrativas se opõem e se cruzam. Canclini, como Martín-Barbero, conclama a reconhecer nestas interseções os lugares onde os sujeitos podem falar e atuar, transformar e serem transformados;

massivo, e que permite interpretar o hegemônico a partir do que esta massa de anônimos que caracterizam as maiorias parece representar. Para Martín-Barbero, este tem sido o novo e promissor terreno para a construção de uma reflexão sobre as relações compartilhadas entre o social, a cultura, o comunicar e o consumo: elementos que se intercombinam, enredam os movimentos e desnudam os saberes que se mesclam nas maiorias.

Discutir a manipulação das maiorias (como resultado da influência de uma minoria detentora dos meios aparentes para tanto) e aceitar tal perspectiva como constante é desconsiderar, na perspectiva de Martín-Barbero, que estas mesmas maiorias encerram assimetrias que subverte o controle ou a tentativa deste. Apesar de não afirmar, depreende-se que os processos de mediação propostos pelo pesquisador resultam de tais assimetrias: dos usos, artifícios e a partir das múltiplas configurações contemporâneas dos meios de comunicação (o visto também como resultado furtivo de seus usos das mídias que vê ao alcance das mãos, dos saberes em torno delas e da reconstrução de sentidos que promove, das táticas que empregam involuntariamente mas que revolve o comunicar).

5. RE-SIGNIFICAÇÃO, DEFORMAÇÃO E O LUGAR DO SUJEITO NO COMUNICAR

Martín-Barbero (2004b: 75) considera, portanto, a construção de novas perspectivas de formulação teóricas que consideram os artifícios de re-significação que derivam das audiências, da fruição destas dos discursos e de como estas atribuem/atualizam os sentidos originais de tais produtos reativando-os, “deformando e moldando cotidianidades” (2004a: 27). Na reflexão de Martín-Barbero, devemos considerar os usos das audiências como componente à re-semantização dos da comunicação e da cultura em suas manifestações. Podemos perceber, portanto, que mais que instância de embates entre as privações e sublimações (ADORNO, 2002: 34-35) no seio de uma Indústria da Cultura (ou da Consciência (ENZENSBERGER, 2003: 11)), a construção de um simbólico coletivo interpelada pelos que reativam seus compostos (os consumidores/receptores/espectadores), como parece concordar Martín-Barbero, reflete a natureza heterogênea dos sujeitos imersos e mediados no seio dos meios/domínios da comunicação, da incomunicação e das subculturas, em

ecossistemas de sentidos e significados.

Martín-Barbero parece considerar ainda a perspectiva dos múltiplos blocos histórico- sociais com os quais tais imersos interagem – tanto a prevalência de uma classe dominante (e seu discurso como resultado das relações materiais promovidas) quanto o indivíduo como construto resultante da sobreposição/interligação de elementos subjetivos e objetivos⁵ – sendo tais elementos algumas vezes por este mesmo indivíduo concebidos, devem ser reinterpretados à luz da realidade mediada. Desta forma, o espectador é encarado não só em relação à predisposição aparente à manipulação – resultado da interposição deste ante os discursos dos meios com os quais convive cotidianamente – mas igualmente na interpretação do que resulta dos estratagemas que concebe sorrateiramente, dissimulando, e que o compele a igualmente manipular os blocos que pretendem sua concordância.

Se o espectador, portanto, diante da TV constitui uma espécie de imagem mental indissociável de seu lugar no mundo, esta mesma imagem imprime marcas, pistas para a compreensão de que este mesmo indivíduo, antes de ser dependente da tela, do vídeo, dos meios, das múltiplas audiências que o abrigam, interage com tais suportes midiáticos, trava seu embate silencioso com variáveis tais que, reagindo, reativando, e fazendo uso de suas dissimulações, constitui uma manifestação polissêmica de si. Ele, o receptor-reativo, percebe e concebe subjetivamente que o mundo existe para além dos meios, dos conteúdos, das mediações, e que estes não importam sem o reconhecimento do lugar que ele ocupa nas arestas do comunicar e da cultura.

É ao desenvolver esta cartografia das configurações da hegemonia e ao tentar dar conta das transformações que tal perspectiva termina por re-significar outras práticas sociais, culturais e políticas, e que têm no comunicar e na implicação das práticas de comunicação alguns de seus alicerces, que a reflexão proposta e construída por Jesús Martín-Barbero se apresenta como significativa para a compreensão, notadamente no âmbito latino-americano, do papel e da expressão que o diálogo (por vezes em surdina) estabelecido entre as maiorias e os meios de

⁵Antônio Gramsci, em *A Filosofia de Benedetto Croce*, décimo dos seus *Cadernos do Cárcere*, ao considerar como o indivíduo enquanto porção de um momento deve ser compreendido, vê tal sujeito como resultado de elementos objetivos e subjetivos que não podem ser excluídos da análise que pretende reconhecê-lo. Para Gramsci, as relações que envolvem este sujeito são determinantes para uma manifestação transformadora diante de seus iguais em sociedade.

comunicação e da cultura encerram. Diálogo este que se consolida como resultado de um composto volátil e necessário para a compreensão das múltiplas alianças modificadas e por vezes improváveis que espectadores, meios de comunicação/participação e cultura vêm constituindo (MARTÍN-BARBERO, 2004b: 75): instâncias complexas que sugerem um vislumbre irregular das tensões, ordenamentos, conflitos que se enredam em uma teia contraditória na qual o espectador não mais detém um papel menor.

Para Martín-Barbero – reinterpretando Gramsci, expandindo a perspectiva por ele proposta e conduzindo-a por novos contornos contemporâneos que a mesma hegemonia adquiriu quando do seu intercâmbio com os meios de comunicação, as audiências e a cultura – esta é a marca de um novo lugar do sujeito; a marca de um espectador que interage com os produtos produzidos a partir dos interesses das verticalidades socialmente constituídas. Este, para Martín-Barbero, é o sujeito contemporâneo: indivíduo que contamina tais produtos com sua imprevisibilidade e com os usos particulares que deles faz e assim reage. Nesta perspectiva, o espectador seria reagente incógnito, individual, complexo que detém, no *zapping*, na auto-implicação, na capacidade de imiscuir-se nos tecidos cotidianos do social, na multiplicidade de contatos e interações, na complexa miríade de possibilidades à mão, artifícios que podem explicar sua resistência à subjugação de seu papel de agente não-vestido do massivo contemporâneo.

Para Martín-Barbero, o espectador/receptor é o indivíduo envolto por uma complexidade comunicacional/cultural que traz à mão aparatos sintáticos⁶ diversos, instrumentos e usos que, mesmo implicado pelos meios de comunicação e cultura, ajudam-no a se manifestar enquanto imperativo improvável dos alicerces do comunicar. É na reprodução, na interferência, na leitura, no consumo e nos modos como este consumo é travado que este mesmo sujeito desafia os que pretendem seu enquadramento.

No trabalho de Martín-Barbero se sobressai uma perspectiva, portanto, que compreende a televisão, os meios de comunicação, não tão somente no que eles transparecem de frivolidade e superficialidade – sem desconsiderar estes aspectos como

⁶Para Beatriz Sarlo, é partindo dos recursos que traz às mãos que o espectador interfere na explosão de imagens que o interpela. Sarlo considera o controle remoto uma “moviola caseira de resultados imprevisíveis”; um instrumento com o qual o espectador determina o que quer ver enlaçando as imagens e as subordinando a sua vontade – subordinação sintática, dirá a pesquisadora;

parte dos movimentos de expressão do sujeito –, mas igualmente o que lhes salta enquanto instâncias de mobilização. As demandas que a TV enseja representam as manifestações das instâncias de sociabilidade com as quais os sujeitos se envolvem. Porém, é em torno delas que estes sujeitos/espectadores percebem o assédio e, através dos usos – ou do que repticamente produzem a partir deles –, fazem frente à manipulação como condição/componente/instância comum tanto daqueles por detrás dos meios como dos que se encontram à frente destes – assim como parece perceber Enzensberger ao considerar o potencial mobilizante das mídias e sua ambivalência (ENZENSBERGER, 2003: 62).

Assim este artigo conclui que o pensamento de *Martín-Barbero* e dos Estudos Culturais Latino-Americanos contribuem para a percepção da construção de uma percepção sobre o social e o lugar ocupado pelos sujeitos, meios de comunicação, cultura e a mediação que resulta do intercâmbio destes. Conclui que contemporaneamente se mostra em curso uma reavaliação do papel do sujeito enquanto receptor ativo e da reabilitação do pensamento em torno deste e do seu convívio com as mídias – e sobre como as maiorias assumem pra si parte das demandas que por muito se concebeu como distantes delas. Estes são alguns dos elementos aparentemente caros à teoria proposta por *Martín-Barbero*. Considerações que apontam as frestas aparentes, os caminhos possíveis para a compreensão dos modos subversivos que estes consumidos dos meios empregam para estabelecer sua insurgência silenciosa em relação ao pensamento comum que os envolve em apatia e dominação.

6. RÉPLICA E INDISCIPLINA: O LUGAR DA RECEPÇÃO

Em *Martín-Barbero*, tem sido a partir dos usos destes espectadores/consumidores e da configuração dos seus modos de réplica, de indisciplina, e reatividade, que, também revestidos por uma estrutura frágil, múltipla e sensível, tem se dado o embate cartográfico contra as idéias que procuram ainda negar o lugar do sujeito nas teias que espectadores entretecem neste lugar igualmente promissor e complexo chamado contemporaneidade. Para *Martín-Barbero* e sua reflexão, este mesmo espectador é implicado por múltiplas perspectivas e todas apontam para sua condição de partícipe dos processos de produção de significados que

se desenvolvem a partir dos artifícios, das mobilizações e desmobilizações que seus usos do que os meios de comunicação – mesmo quando os promove subjetivamente – despejam a sua frente ensejam.

Se em *Dos Meios às Mediações* (2006) Martín-Barbero fundamenta o conceito de mediação deslocando e rearranjando comunicação, cultura e sujeitos enquanto elementos para a construção de um mapa de reconhecimentos e de percepções sobre a cultura entrecortada pelos meios de comunicação, em seus trabalhos posteriores, além de avançar na reflexão proposta em seu trabalho de 1987, amplia a percepção do lugar do televisivo na construção de outras manifestações para a hegemonia (MARTÍN-BARBERO, 2004a): considera a mediação como lugar de representação e troca de forças, e se debruça ainda sobre os múltiplos mapas que encerram as fissuras (MARTÍN-BARBERO, 2004b) originadas no tecido social e cultural e que contribuem para implicar os sujeitos da recepção e seus usos como parte do lugar estratégico ocupado pelas mediações nas formulações coletivas.

Considera-se assim a percepção de que recepção é produção, interação, troca, intercâmbio de sentidos e de conteúdo simbólico – e a presença do sujeito, implicado por tais movimentos, se apresenta componente indissociável para tal percepção. Ele, Martín-Barbero, defende que qualquer ação ou uso, mesmo a apatia – que por muito se vincula aos usos que os indivíduos fazem dos meios de comunicação –, se configurará também indicador dos artifícios e modos deste espectador. Assim, como Martín-Barbero, este artigo considera relevante para a compreensão do lugar contemporâneo da comunicação, um estatuto que perceba o sujeito e seu diálogo com os meios e com os processos de mediação, com seus produtos e com a cultura complexa que se desenrola como resultado desta reciprocidade de significações e sentidos. Mesmo carregada por componentes aparentemente imperceptíveis e que pedem uma percepção profunda, a complexidade em torno do receptor produz novas perguntas sobre a natureza desta relação e manifesta perspectivas potenciais para a compreensão do lugar ocupado pela recepção quando do seu envolvimento nos processos de produção/reprodução simbólica. Assim, tendo em mente a reflexão proposta por Martín-Barbero, é preciso considerar que através dos usos, da mediação, dos artifícios com os quais se investe cotidianamente, o espectador concebe, ainda que silenciosamente, repticamente, respostas ao determinismo, ao tecnicismo e à imobilidade que comumente são associadas à percepção dos seus modos e dos seus iguais enquanto

audiências inertes envoltas apatia e falta de interesse.

7. O ESPECTADOR/RECEPTOR QUE REVOLVE

O espectador, seus usos e recepção – enquanto audiência ante os meios de comunicação e seus compostos – é elemento intrínseco do complexo mecanismo de insurgência silenciosamente constituído no seio das maiorias. Ele, o receptor, é, na perspectiva de Martín-Barbero, o mecanismo que procura se pretender e revolver as manifestações de hegemonia, constituindo nos sujeitos componentes de seu estatuto.

Assim, este sujeito, o espectador, o indivíduo improvável diante das telas e dos produtos que buscam na sedução a cooptação e concordância é elemento que desconstrói e desmobiliza ao mesmo tempo em que reordena o simbólico que o assedia, mobilizando os discursos ao seu redor. O espectador, o sujeito-indivíduo que, mediado, se manifesta enquanto elemento de imperfeição da cultura, da produção de sentidos contemporânea, e, despercebido em suas manifestações, termina por pairar na superfície do massivo.

O receptor, assim, deve ser compreendido como representação complexa do indivíduo envolvido pelos processos que resultam das mediações entre audiências, meios de comunicação e cultura, e que, implicado por tais meios, impregna com seus artifícios os símbolos, produtos, discursos e saberes que pretendem representá-lo. O receptor-reativo aqui proposto, em um só tempo, se apresenta como objeto perceptível e indecifrável incógnita: daí o fascínio que o envolve e nele se encerra.

O que se configura é o novo lugar ocupado por este sujeito que, em sua aparente concordância, se investe com subjetividades e processos complexos para revolver o massivo e suas manifestações. O receptor-reativo, portanto, diante da TV, diante dos meios de comunicação, diante da própria cultura, enreda-se em processos e interações complexas e imprime suas demarcações no terreno em transformação que é o massivo.

O espectador/receptor, portanto, enquanto manifestação individual de seu lugar no comunicar, é indicador de uma imperfeição aparente que deixa fissuras, marcas de seus intercâmbios, processos e simultaneidades. Elementos que a literatura e percepção de Jesús Martín-Barbero evidenciam como demarcações de uma cartografia complexa em torno dos usos contemporâneos deste sujeito mediado pelos aparatos

que investem na direção dos seus usos e ao mesmo tempo representação dos saberes e das percepções contemporâneas das maiorias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz & Terra, 2002.
- _____. *À Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- _____. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- DE KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para Uma Teoria dos Meios de Comunicação*. São Paulo: Editora Conrad, 2003.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere – Volume I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- _____. *Ofício De Cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004 a.
- _____. *Os Exercícios do Ver: Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*. São Paulo: Editora Senac, 2004b.
- _____. *Tecnicidades, identidades y alteridades: desubicaciones y opacidades de La comunicación en el nuevo siglo*. *Revista Diálogos de la comunicación*, Lima: FELAFACS, 2002, n.64, pags. 9-24.
- MATTELART, Armand, NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- SILVERSTONE, Roger. *Por Que Estudar a Mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- WOLF, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

Artigo recebido: 11/12/2009

Artigo aprovado: 17/06/2011